

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**SAMANTHA DE OLIVEIRA CARMO PONTES**

**CONSTRUINDO UMA PEDAGOGIA A PARTIR DE VIVÊNCIAS: REFLEXÕES  
SOBRE MINHA TRAJETÓRIA E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO  
SOCIOEMOCIONAL**

**SÃO CARLOS - SP**

**2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**SAMANTHA DE OLIVEIRA CARMO PONTES**

**CONSTRUINDO UMA PEDAGOGIA A PARTIR DE VIVÊNCIAS: REFLEXÕES  
SOBRE MINHA TRAJETÓRIA E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO  
SOCIOEMOCIONAL**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Universidade Federal de São Carlos, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, com a orientação da Professora Doutora Alessandra Arce Hai.

SÃO CARLOS - SP

2022

SAMANTHA DE OLIVEIRA CARMO PONTES

**CONSTRUINDO UMA PEDAGOGIA A PARTIR DE VIVÊNCIAS: REFLEXÕES  
SOBRE MINHA TRAJETÓRIA E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO  
SOCIOEMOCIONAL**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à  
Universidade Federal de São Carlos, como parte  
das exigências para a obtenção do título de  
Licenciada em Pedagogia, com a orientação da  
Professora Doutora Alessandra Arce Hai.

São Carlos, 15 de agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Alessandra Arce Hai

---

Profa. Dra. Camila Maria Chiari

---

Profa. Dra. Michele Varotto Machado

Dedico este trabalho à minha família que me inspira a continuar lutando pelos meus sonhos, sempre acreditando em mim.

“Não se trata de ‘se’, e sim de ‘quando’.”

## **Agradecimentos**

Agradeço à

Universidade Federal de São Carlos, sua equipe de professores, pesquisadores e funcionários que de alguma forma influenciaram no meu aprendizado, através de aulas, palestras, ou proporcionando um ambiente limpo e próprio para aprender;

Minha orientadora, Professora Doutora Alessandra Arce Hai, por aceitar me orientar, por seus ensinamentos e a sua sabedoria, sua compreensão e sua inteligência, tanto acadêmica quanto emocional;

Minha família, especialmente minha mãe, meu pai e minha irmã, que construíram a mais bela e forte base para que eu pudesse crescer e seguir os meus sonhos – vocês fizeram tudo isso possível;

Meu marido Jakob, por estar sempre presente no cotidiano, por me lembrar que sou capaz, e facilitar a minha vida transformando pedaços de vidro em diamantes – teu amor me faz forte;

Meus amigos e amigas, especialmente minhas amigas Morgana, Marielle e Rafaela, que iluminaram meus dias no campus e fora dele, e me ajudaram desde o primeiro dia, compartilhando, e seguindo ao meu lado nessa caminhada – vocês trouxeram leveza e diversão para os dias mais desafiadores da graduação;

A todos, o meu muito obrigada! Vocês foram essenciais para essa conquista, serei eternamente grata por ter vocês em minha vida.

*“Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos.”*

Antoine de Saint-Exupéry  
*O Pequeno Príncipe*

## **RESUMO**

Este trabalho de conclusão de curso se trata de um memorial de formação, que tem como objetivo resgatar memórias de minha infância e adolescência, bem como de minha vida adulta, combinando o meu crescer pessoal individual com o ambiente em que me foi proporcionado e a importância de meus familiares e amigos nessa trajetória. Em consonância com estudos da teoria histórico-cultural e estudos da área da neurociência e da educação socioemocional, busco agregar sentido à fundamentação teórica da minha própria história e trazer a proposição de uma educação mais humana, que leve em consideração as emoções, as fases do desenvolvimento infantil, e tenha como objetivo educar a criança em sua integralidade. O trabalho se desenvolve a partir de uma perspectiva temporal, onde começo descrevendo a minha infância e adolescência, passando pelo período de graduação até a minha mudança de país, onde detalho o meu crescimento pessoal e profissional, buscando encontrar respostas ou caminhos para alguns desafios encontrados durante o trabalho pedagógico com crianças pequenas.

**Palavras-chave:** Memorial de formação; Teoria histórico-cultural; Educação socioemocional.

## **ABSTRACT**

This conclusion work is defined as a memorial, which aims to rescue memories of my childhood and adolescence, as well as my adulthood, combining my individual personal growth with the environment which I was provided with, as well as the importance of my family and friends in this path. In line with studies from the cultural-historical theory, and studies in the field of neuroscience and social-emotional education, I seek to add meaning to the theoretical foundation of my own history and to propose a more humane education that considers emotions, the stages of child development, and that has as main goal to educate children in their entirety. The work develops itself from a temporal perspective, in which I start by describing my childhood and adolescence, through my studying years at the university until my moving to another country, in which I detail my personal and professional growth, trying and seeking answers to many challenges found throughout my pedagogical work with small children.

**Keywords:** Memorial; Historical-cultural theory; Social-emotional education.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>1. ORIGEM</b> .....	9
1.1. A princípio, uma criança.....	9
1.2. Sonhos e incertezas sobre o futuro.....	13
<b>2. FORMAÇÃO</b> .....	16
2.1. Experiências acadêmicas e a vida no campus.....	16
2.2. Do outro lado do Atlântico.....	19
2.3. De volta para minha terra e a graduação em tempos de pandemia.....	25
2.4. Uma nova vida.....	27
<b>3. REFLEXÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL E A IMPORTÂNCIA DE CULTIVAR A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL</b> .....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	42

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho se trata de um Memorial de Formação, escrito por mim, Samantha de Oliveira Carmo Pontes, estudante do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos, que será avaliado como meu trabalho de conclusão de curso. Meu objetivo aqui é contar um pouco da minha história, minhas origens e minha trajetória de 24 anos até formar quem hoje sou. Além disso, ou, a partir disso, pretendo compreender o processo de aprendizagem que venho construindo, utilizando tanto minhas vivências acadêmicas como não acadêmicas para autoavaliar e refletir minhas práticas como professora e como estudante. Ao contar minha história, busco não apenas relembrar, mas também reconstruir meu passado de acordo com a visão que tenho hoje, no presente, como afirma Bosi (1995), “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1995, p. 17).

Desde pequena, ao brincar de escolinha, eu sabia que me tornaria professora. Não conseguia imaginar um ambiente de trabalho diferente da escola. Lembro-me de pegar revistas da minha mãe e ler sobre as diferentes escolas do estado de São Paulo - particulares, públicas, tradicionais, alternativas - e, mesmo pequena e sem dominar o assunto, eu as comparava em minha mente e tentava compreender uma mistura daquelas escolas que resultaria na “escola perfeita”.

Quando estava no Ensino Médio, lembro-me de ouvir meus professores da época dizendo que eu tinha muito potencial para ser “apenas professora”, que eu deveria seguir alguma carreira mais importante como medicina ou engenharia. Nunca liguei. Entendo hoje que esse sentimento de diminuir a si mesmo e sua profissão, era apenas um sentimento de frustração, que não se originava na profissão em si, mas sim na falta de políticas públicas adequadas para a educação, como investimentos na infraestrutura escolar, salário dos professores etc. De alguma forma, ingênua ou não, pensava que comigo não seria assim, que eu poderia mudar o sistema, ou que simplesmente eu não o deixaria me abalar.

Quando decidi que queria estudar Pedagogia, eu sabia que deveria ser em uma universidade pública, um lugar onde existiria pessoas com fome de conhecimento, discussões pertinentes à educação, pensamentos politizados, e um maior incentivo ao pensamento crítico. No primeiro ano do Ensino Médio, entrei no grupo da UFSCar no Facebook e decidi que iria ingressar nesta universidade. Na época, meu pai morava em Ribeirão Preto (SP), e eu morava em Santos (SP), minha cidade natal, com a minha mãe. Ele ficou muito entusiasmado com o fato de eu querer estudar em uma universidade pública e, melhor ainda, mais perto dele. Minha

mãe, também entusiasmada, decidiu que se mudaria comigo de cidade para me apoiar durante os meus anos de estudo. O plano funcionou. No final do terceiro ano do Ensino Médio, antes de receber a confirmação que havia sido aprovada na universidade, me mudei com minha mãe para São Carlos (SP) e, na semana seguinte, encontrei meu nome na lista de aprovados.

Já na graduação, me deparei com autores e autoras, professores e professoras que me trouxeram a base teórica e científica que faltava para fundamentar e enriquecer os meus pensamentos e ideias. Lembro-me de sentir como se muitas perguntas que eu tinha fossem respondidas durante algumas aulas. Mas, principalmente, sentia que muitas perguntas e questionamentos mais foram sendo instigados.

Minha trajetória parece ter sido sempre guiada pelo caminho da Educação. A Educação é motivo de muitas das minhas alegrias e tristezas, esperanças e decepções, e objeto de muitas das discussões do meu dia a dia. A opção de escrever um Memorial me pareceu própria, apesar de difícil, já que dessa forma eu teria a oportunidade de contar um pouco da minha história e de como a educação sempre esteve presente em minha vida, de forma que me levou a percorrer esse caminho na Pedagogia e me trazer até onde estou, me ajudando também a compreender a minha trajetória e fomentar reflexões que possam me elucidar. Afinal, o Memorial se trata de uma autobiografia que se configura como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva (SANTOS, 2005, p. 1). O Memorial se trata também de um desafio para si mesmo, pois nos provoca com questionamentos internos, reflexões e autocríticas, que são naturais do processo de escrever um Memorial, por ser um texto marcado pela subjetividade, e que possui a característica particular de se referir a uma história pessoal, ainda que influenciada por nuances socioculturais de onde estamos inseridos (GUEDES, 2006).

Além de promover a autorreflexão e a autocrítica, é imprescindível que, ao escrever o Memorial, exista um diálogo entre a realidade vivida e as teorias aprendidas e discutidas durante os anos de estudo, onde esteja refletido em minha escrita, a minha evolução como pessoa, professora e estudante. De acordo com Santos (2005),

O autor deve fazer um esforço para situar esses fatos e acontecimentos no contexto histórico-cultural mais amplo em que se inscrevem, já que eles não ocorrem dessa ou daquela maneira só em função de sua vontade ou de sua omissão, mas também em função das determinações entrecruzadas de muitas outras variáveis. A história particular de cada um de nós se entretela numa história mais envolvente da nossa coletividade. É assim que é importante ressaltar as fontes e as marcas das influências sofridas, das trocas realizadas com outras pessoas ou com as situações culturais. É importante também frisar, por outro lado, os próprios posicionamentos, teóricos ou práticos, que foram sendo assumidos a cada momento. Deste ponto de vista, o Memorial deve expressar a evolução, qualquer que tenha sido ela, que caracterize a história particular do autor. (SANTOS, 2005, p. 2)

Dessa forma, pretendo realizar um exercício de reflexão em cada uma de minhas memórias aqui relatadas, onde não apenas os fatos são narrados, mas a história é analisada a partir de uma perspectiva histórico-cultural, onde o tempo e o ambiente são denominadores dos fatos aqui descritos.

Para dar sentido ao processo de evolução de minha história particular, seguirei a linha cronológica em minha narrativa, começando por minhas origens: minha infância, quem são meus pais, minha família, a cidade onde nasci e cresci, minhas brincadeiras preferidas, a(s) escola(s) onde estudei, buscando aproveitar as discussões trazidas por Hai (2018).

Durante meus anos na universidade, me transformei diversas vezes em diferentes seres, sempre mantendo a minha essência, mas sendo guiada por diferentes desejos, aspirações, vontades e acontecimentos. Não podia estagnar em um momento de vida, mas vivia em busca de novidades e diferentes conhecimentos. Neste trabalho, descrevo minhas experiências pessoais durante este período de minha vida e como cheguei ao curso de Pedagogia e quais foram os momentos, professores e disciplinas mais marcantes no curso, que foram estreitando meu caminho e me guiando. Destacarei a importância de disciplinas de estágio, para a aprendizagem prática da área da Pedagogia, meu interesse por estudar línguas, mas também para a aprendizagem de vivências, que levo para a vida - principalmente o estágio de Educação Infantil na UAC, o PIBID na escola João Jorge Marmorato nos meus primeiros anos de curso e meu trabalho como professora de inglês em uma escola particular em São Carlos. Tanto minhas experiências pessoais quanto acadêmicas foram importantíssimas para constituir o que hoje tenho e sou, e onde hoje estou, e são parte insubstituível no meu processo de amadurecimento intelectual e emocional como pedagoga.

Pretendo tratar também do meu ano de intercâmbio na Alemanha, minha primeira visão sobre a educação aqui do outro lado do Atlântico, e como a cultura influencia o desenvolvimento das crianças, a partir de um olhar reflexivo. No decorrer das páginas, narrarei brevemente a minha volta para o Brasil, meu casamento, a decisão de voltar para a Alemanha para construir um futuro ao lado de meu parceiro aqui, e os planos que estou construindo em relação ao meu futuro como pedagoga neste país frio, porém apaixonante. Também pretendo trazer um pouco das minhas experiências como cuidadora/educadora particular aqui na Alemanha, onde trabalho cuidando crianças de 0 a 3 anos, compartilhando minhas experiências e exemplificando a partir do meu dia a dia com as crianças, atividades e brincadeiras, e cuidados do dia a dia, onde me baseio na educação montessoriana.

Para enriquecer as ideias e as histórias narradas ao longo do trabalho, pretendo resumir as ideias e visões de educação que possuo e que adquiri ao longo da minha trajetória, sintetizando minhas vivências, meu olhar para com a criança e a educação, e o que acredito ser importante para uma educação de qualidade. Me basearei na psicologia histórico-cultural, na neurociência e em estudos da área das emoções e inteligência emocional, focando na Educação Infantil, ou seja, crianças menores de 5 anos, no brincar como parte imprescindível para o desenvolvimento saudável da criança e na importância da educação socioemocional para o desenvolvimento integral do cérebro da criança. A ideia é trazer uma discussão dinâmica onde misturo minhas experiências com a sabedoria destes autores, e a riqueza dos conteúdos das disciplinas de *Educação Socioemocional para Crianças de 04 a 10 anos* e *Educação Infantil: ensinando crianças de 0 a 3 anos*, ambas ministradas pela Professora Dra. Alessandra Arce Hai, resultando em algumas reflexões válidas para a educação como campo de estudo. A partir de minha história contada e das ideias construídas e discutidas ao longo do trabalho, pretendo sintetizar o que considero como destaque, ou as aprendizagens mais valiosas que obtive a partir da escrita do meu trabalho de conclusão de curso em si, como um fechamento de ideias em minhas considerações finais.

Trabalharei com algumas versões originais em língua inglesa, em que irei citar a versão original e, acima, uma tradução livre de minha autoria.

Seja então bem-vindo(a) à jornada de minha vida, em que me lanço à reescrita de minha história, lembrando começos, meios, e talvez modificando fins, a partir da ressignificação de períodos e percursos nos quais me inseri e me permiti viver.

## **1. ORIGEM**

### **1.1. A princípio, uma criança**

Dia 16 de maio de 1998, em Santos, litoral de São Paulo, nascia uma menina. De parto normal, em um hospital público, graças ao Sistema Único de Saúde (SUS), fui dada à luz. Minha mãe, Roberta, e meu pai, Augusto Cesar, estavam felizes - e surpresos - com a minha chegada, dois anos após o nascimento da primeira menina, minha irmã Catharina. O que me foi contado sobre a época do meu nascimento - que, obviamente, eu não me lembro - são apenas detalhes práticos, como o fato de que não fui planejada, e de que nasci em uma fase financeiramente instável para os meus pais. Mesmo assim, meu nascimento foi celebrado com

muito amor por minha mãe e meu pai. Ambos sempre foram muito presentes em nossa criação. Tenho memórias incríveis de toda a minha infância, da praia, do cheiro de maresia e da sensação da pele sendo tocada pelo sol.

Meu pai nasceu em 26 de dezembro de 1962, em Uberaba (MG). De família grande, sua vida foi sempre cheia de mudanças – crescendo, morou em Ribeirão Preto (SP) e São Paulo capital. Minha mãe, nascida em 08 de novembro de 1965, em Campinas (SP), também se mudou bastante quando criança – chamou de lar Juiz de Fora (MG), Santos (SP) e São Paulo capital. Minha mãe também cresceu em uma grande família, e costuma dizer que foi criada pelos seus avós, apesar de também ter passado boa parte de sua infância com seu pai e sua madrasta. Nunca conheci meu avô materno. No entanto, lembro-me de ter conversado com ele uma vez ao telefone - não tenho certeza se é verdade ou se foi um sonho. Já meu avô paterno, não apenas conheci como tenho diversas lembranças de minhas visitas à Ribeirão Preto nas férias, e de sua casa cheia de tios, tias, primos e primas. Estes são momentos maravilhosos que guardo nas memórias de minha infância. Minha irmã e eu, por morarmos em Santos, sem primos e primas por perto, fomos criadas em apartamento, e não podíamos brincar na rua – vivíamos uma vida completamente diferente dos nossos primos e primas do interior, mas em compensação tínhamos a praia como quintal. Meu programa preferido quando visitávamos a família era sentar na calçada para conversar e brincar, voltando para casa apenas para comer. De minha avó paterna, sei apenas o nome, Neiva, e algumas histórias. Minha avó materna também nunca fez parte de nossas vidas. Costumamos dizer, em minha família, que, apesar de uma família de sangue muito grande, no fim somos nós por nós: eu, minha irmã, minha mãe e meu pai - e os agregados, pessoas muito importantes que fizeram e fazem parte de nossas vidas e que são nossa família, como minha madrasta Andréa, meu cunhado Pedro, meu marido Jakob, minha madrinha Wanessa, meu padrinho Daniel, e meu padrinho Fábio. Meu pai também tem três filhos de seu primeiro casamento, Eduardo, Rafael e Camila, que também passamos a ter contato apenas depois da minha adolescência. Hoje fazemos o possível para manter o contato, mas moramos cada um em um canto do mundo.

Não havia parado para pensar, antes de começar a escrever, que a história e organização – tanto temporal quanto geográfica – da minha família seria tão confusa. Busco aqui apenas resumir e contextualizar o ambiente em que cresci, e como tudo isso contribuiu para minha infância e para formar quem hoje sou. Considero importante destacar como estes diferentes ambientes em que eu cresci, e principalmente as relações que neles construí e desenvolvi, moldaram o meu cérebro e meu ser de uma forma única, considerando que, como humanos,

somos frutos da relação complexa entre biologia e a maneira pela qual fomos criados – nossas experiências, o ambiente ao nosso redor, formas de educação, criação e interação que tivemos ao longo de nossas vidas (Hai, 2018). Para explicar melhor: o desenvolvimento do nosso cérebro e, portanto, do nosso comportamento e nossa cultura, é baseado em caminhos genéticos que incorporam nossas vivências e são por elas influenciados (Hai, 2018).

Quando criança, estudei em diferentes escolas, tanto particulares como públicas, às vezes na mesma escola que minha irmã, e às vezes separadas. Durante uma época, eu estudava no período da tarde na mesma escola que minha irmã. Lembro-me de passar as manhãs com a minha mãe em casa, fazer sessões de fotografia, brincar, comer comidas maravilhosas feitas por ela, ser levada para a escola e ser buscada pelo meu pai no final da tarde. Durante os dias mais quentes, lembro-me de ir para a escola vestindo biquíni por baixo do uniforme, para sair da escola e ir direto para a praia mergulhar com meu pai e minha irmã. Depois, voltávamos para casa para jantar e esperar minha mãe chegar do trabalho às 21h. Eu costumava subir no sofá para ficar olhando através da janela, esperando-a chegar. Em minha mente de criança, é claro, parecia uma eternidade – que alegria eu sentia quando ela finalmente chegava! É engraçado como até o tempo também se molda de acordo com nossas experiências. Quanto menos tempo de vida temos, como quando somos crianças, menos tempo temos para comparar, e tudo parece durar uma eternidade, já que o tempo é um conceito muito abstrato para a criança pequena compreender.

Meu processo de alfabetização e letramento foi muito natural, por conta da exposição que tive a livros durante meus primeiros anos de vida. Quando eu estava na Pré-escola, eu já sabia ler e escrever, e isso fez com que minha professora sugerisse para minha mãe que eu “pulsasse” um ano e fosse direto para a 1.a série do Ensino Fundamental (nessa época, ainda estava em vigor o Ensino Fundamental seriado de 8 anos). Eu cheguei a frequentar algumas aulas na 1.a série. Nova professora, novos colegas – neste sentido a adaptação até que ia bem, pois sempre fui muito aberta a mudanças e muito adaptável. Mas a “semana de provas” estava chegando. Minha mãe, com medo das consequências que isso poderia gerar, medo de eu ainda não estar pronta, de não querer apressar meu desenvolvimento, desistiu e me colocou de volta na Pré-escola, na mesma turma de antes. Crescendo, sempre pensei que seria melhor se ela tivesse me deixado pular a Pré-escola. Mas hoje vejo que ela fez uma decisão coerente. Afinal, o meu cérebro estava se desenvolvendo como o de uma criança de cinco anos – minhas emoções e meu comportamento não refletiam os de uma criança em idade escolar, e o fato de eu saber ler e escrever não significava que eu já estava mentalmente preparada para novos desafios

acadêmicos, e novas pressões psicológicas. Meu cérebro simplesmente não estava desenvolvido da mesma forma que o cérebro daquelas crianças um ou dois anos mais velhas que eu, como explicam Siegel e Bryson (2011).

A pressa em alfabetizar uma criança, cobrando que ela decore letras, palavras, números, tabuadas, parece não levar em consideração que o cérebro de uma criança precisa criar diferentes tipos de conexões no cérebro para aprender, e não praticar apenas aquela “decoreba” em sala de aula. Como exposto pela professora Alessandra Arce na disciplina de *Educação socioemocional para crianças de 04 a 10 anos*, alguns estudiosos da neurociência vêm trazendo esse debate de como o cérebro funciona para dialogar com a área da educação. Com este avanço da neurociência e o diálogo que se tem criado entre neurociência e a educação, a possibilidade de estudar nosso cérebro e o desenvolvimento do mesmo em crianças pequenas abriu margem para estudarmos e compreendermos como que uma criança aprende, como o nosso cérebro se desenvolve desde a mais tenra infância, e quais são as práticas mais importantes que podemos colocar em ação com nossas crianças para ajudá-las a criar conexões fortes entre os lados do cérebro e suas características, de forma a aproveitar o máximo de sua capacidade, para uma aprendizagem mais eficiente. É necessário e importante, por exemplo, que as crianças pequenas possam nomear e compreender seus sentimentos e emoções, ensinar a criança a navegar entre seu lado emocional e seu lado racional e lógico, a fim de atingir uma maior integração entre as partes direita e esquerda, de cima e de baixo do cérebro (Siegel e Bryson, 2011).

Existem interações e aprendizados mais valiosos e importantes para que a criança pequena possa construir ligações dentro do cérebro, a fim de aprender a lidar com suas emoções e balancear entre a razão (lado esquerdo do cérebro) e a emoção (lado direito do cérebro), fortalecer conexões e, com isso, tornar-se mais inteligente - não apenas emocionalmente, mas também intelectualmente e academicamente, como defende Goleman (2012). Goleman entende por emoções “um sentimento e seus pensamentos distintos, estados psicológicos e biológicos, e a uma gama de tendências para agir” (GOLEMAN, 2012, p. 303). Voltando à história sobre a pré-escola, vejo hoje que minha mãe fez a escolha certa em respeitar o meu momento de crescer e me desenvolver, priorizando o meu desenvolvimento emocional em vez de forçar um avanço acadêmico que no futuro poderia me atrapalhar.

Sempre fui uma criança muito aplicada na escola, gostava de participar das aulas e tinha fama de esperta entre os professores. No entanto, sempre fui muito brincalhona e muito faladeira. Lembro que quando eu estava no 4.o ano do Ensino Fundamental, meu pai foi me

buscar na escola e minha professora foi conversar com ele. Ela disse algo sobre eu ser muito boa aluna, estar indo muito bem nas aulas, mas que eu atrapalhava os colegas pois eu terminava tudo muito rápido e depois ia de carteira em carteira conversar. Cheguei até a ganhar uma medalha de “Melhor Amiga da Escola”. Considero que o meu bom desempenho na escola tanto acadêmico quanto social se deve muito a meus pais, e à forma como fui criada desde pequena. Olho para trás com um sentimento de que eles realmente se preocupavam em educar seres humanos integrais. Apesar de eu saber que meus pais nunca tiveram todo esse conhecimento científico e acadêmico sobre educação, sempre conversaram muito sobre como lidar com os problemas e desafios que surgiam ao longo do caminho. Se eu fosse definir a minha infância em três palavras, eu escolheria **diálogo, respeito e liberdade**.

## 1.2. Sonhos e incertezas sobre o futuro

Iniciei o Ensino Médio com 14 anos, em 2013, em uma escola estadual de Santos (SP). Como já mencionado, eu fui uma criança que tinha o que é considerado um bom desempenho escolar. Nunca tive problemas de adaptação em novas escolas, e nem para fazer amizades. Alguns amigos e amigas que estudavam comigo no 9o. Ano do Ensino Fundamental foram enviados para a mesma escola que eu no Ensino Médio. Durante a minha infância, meus pais se separaram. Viveram em casas separadas em Santos, até que um dia meu pai decidiu ir morar em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, já que sua família morava lá. Quando estava no primeiro ano do Ensino Médio, então, morava apenas eu, minha irmã e minha mãe. Visitávamos meu pai quando podíamos. Durante essa época, eu já pensava sobre o que queria fazer quando finalizasse o Ensino Médio: queria estudar em uma universidade pública. Primeiro pensei na Universidade de São Paulo (USP) em Ribeirão Preto, e depois, quando descobri um grupo no *Facebook* da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), comecei a ler as postagens e os comentários, e aprender mais sobre o processo de admissão, e me interessei muito.

O tempo passava e continuei interessada na faculdade, continuei estudando, mas eu ainda era uma adolescente de 15 anos, que não tinha controle e planejamento sobre tudo. Eu também queria sair, passar tempo com amigos, namorar – coisas comuns na vida de qualquer adolescente. No final do primeiro ano, durante as férias, minha irmã acabou se mudando para Ribeirão Preto para morar com meu pai. Fomos visitar, e, pensando em um futuro melhor para mim, meus pais decidiram que seria bom eu também mudar de cidade, pois em Ribeirão Preto eles teriam condições de pagar uma escola particular para mim, onde o ensino fosse mais focado

no vestibular. Lembro de ficar bem triste por deixar Santos, mas feliz pela possibilidade de ter mais oportunidades de acesso à educação e conteúdos focados na admissão na universidade pública. Quero destacar que, hoje, defendo a escola pública e acredito em um ensino público de qualidade, mas infelizmente esta ainda não é a realidade em muitas escolas ao redor do Brasil. Por exemplo, nesta escola onde estudei durante o Ensino Médio, no primeiro ano não tive aulas de Geografia, simplesmente porque não havia um(a) professor(a). Diversas vezes nós, alunos e alunas, passávamos tempo no pátio conversando, durante o que chamávamos de “aula vaga” – aulas em que os professores faltavam e não havia alguém para substituir. Além de Geografia, nosso professor de Biologia só esteve presente durante metade do ano escolar. Alguns professores, como a minha professora de Língua Portuguesa, sempre estiveram presentes e foram parte extremamente importante do meu crescimento e do meu processo de aprendizagem. Já outros, faltavam muitas vezes durante o ano e muitas dessas vezes não eram substituídos. Na época, eu conseguia perceber que meus amigos e amigas de fora da escola, que estudavam em colégios particulares caros, tinham um estudo focado nos vestibulares, e eu queria ter acesso também a estes conteúdos, para ter as mesmas chances de ser admitida em uma universidade pública.

Como decidido, então, eu e minha mãe nos mudamos para Ribeirão Preto. No início o plano era viver com meu pai e minha irmã na mesma casa, onde eu dividiria o quarto com minha mãe. Chegamos a passar o final das férias de verão lá, no começo de 2014, e fui matriculada em uma escola particular que utilizava a metodologia apostilada Anglo. Eu estava animada para iniciar as aulas no 2.o ano do Ensino Médio. Também estava muito feliz pois eu teria mais aulas de Inglês durante a semana, e até Espanhol – eu sempre fui interessada em estudar línguas e sempre quis aprender diversos idiomas. Frequentei aquela escola por cerca de um mês, e neste meio tempo as coisas não iam muito bem em casa – o plano de morarmos todos juntos, mesmo com meus pais separados, não parecia funcionar muito bem. Decidimos então voltar para Santos, apenas eu e minha mãe, e, naturalmente, essa decisão implicou em eu ter que voltar para a mesma escola que eu estudava antes. Depois de muito choro, despedidas e uma certa balançada na minha relação com meu pai, fomos embora. Naturalmente, ele queria que eu continuasse morando com ele, mas eu e minha mãe sempre fomos extremamente próximas, e eu não conseguia me imaginar morando longe dela naquele momento. Ficamos um tempo chateados um com o outro, sem muito contato, mas tudo se ajeitou depois de algumas conversas.

Voltando para Santos, fui matriculada novamente na mesma escola de antes. Eu e minha mãe conversamos bastante sobre o meu plano de me preparar para a universidade, e eu decidi que iria dar o meu melhor para aprender com o que estivesse ao meu alcance naquele momento. Eu falava para meus professores sobre meu plano de ir para a universidade – eu era a única aluna da minha sala que tinha esse sonho, pois a maioria planejava estudar em uma faculdade particular, ou seguir caminhos não acadêmicos – creio que grande parte dessa realidade se dê por falta de acesso à informação, já que a universidade pública infelizmente parece ser feita para estudantes de escolas particulares, e muitas vezes crianças e adolescentes de baixa renda não sabem nem como funciona o processo de admissão em uma universidade pública, ou acham que é impossível passar, por conta da dificuldade dos vestibulares. Tínhamos um novo professor de Biologia que sempre me ajudou muito, me dando exercícios extras de diferentes vestibulares. Neste ponto, eu tinha certeza de que queria estudar em uma universidade pública, mas ainda não tinha certeza sobre o curso. Devo dizer que este professor me influenciou bastante, e eu pensava até mesmo em me inscrever para cursar Biotecnologia na UFSCar.

Durante as férias de final de ano, antes de iniciar o 3o. Ano do Ensino Médio, eu fiz algumas provas de bolsa de estudo em escolas particulares focadas em vestibular (todas escolas apostiladas, como Objetivo, Anglo, COC.), para tentar conseguir um desconto na mensalidade que caberia no nosso orçamento. Infelizmente, todas as mensalidades ainda seriam muito caras, e minha família não conseguiria arcar. Tive a ideia, então, de continuar estudando na escola pública durante a manhã, e frequentar um Cursinho Pré-vestibular no período da noite. Fui com minha mãe no Anglo de Santos e conseguimos um bom desconto que foi o suficiente para nós. O ano letivo então começou, e eu frequentava a escola durante o dia e o cursinho durante a noite. Fiz vários amigos no cursinho, e eu adorava as aulas. Principalmente Inglês, Literatura e Redação. Infelizmente, chegou um ponto onde eu estava estudando mais os conteúdos do cursinho, indo cansada para a escola de manhã e meu rendimento caiu, pois eu não tinha tempo – e nem muito interesse mais – para estudar para as provas ou entregar trabalhos escolares. Decidi parar de frequentar o cursinho no meio do ano, e assinei um cursinho preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), através de uma plataforma *online*. Durante esse ano foi quando descobri que minha paixão realmente estava nas Ciências Humanas, e eu definitivamente não me dava tão bem com Exatas. Lembrando de minha infância, das brincadeiras de escolinha, tentando ignorar os comentários de meus professores e colegas, passei a considerar fortemente a Pedagogia. Mas ainda estava confusa pois também me interessava muito por Psicologia. O ano passou, fiz a prova do ENEM, me saí razoavelmente

bem, e então me inscrevi no Sistema de Seleção Unificada (SISU), primeiro considerando Psicologia. Ficou claro que minha nota não seria o suficiente para eu ser admitida na UFSCar no curso de Psicologia, então decidi por Pedagogia e, antes de sair o resultado, apostando na minha admissão, comecei a preparar a mudança para São Carlos.

Considerando os aspectos financeiros, e minha relação de proximidade e amizade com minha mãe, ela decidiu que também se mudaria para São Carlos, já que dessa forma estaríamos ambas mais próximas de minha irmã e meu pai em Ribeirão Preto. Fomos então para São Carlos, alugamos um lindo apartamento no centro e, uma semana depois, vi meu nome na lista de aprovados da Pedagogia UFSCar, em janeiro de 2016.

## **2. FORMAÇÃO**

### **2.1. Experiências acadêmicas e a vida no campus**

Em fevereiro de 2016 fui fazer minha matrícula no curso de Pedagogia, período matutino, na tão sonhada Universidade Federal de São Carlos. Estava muito animada e ansiosa para iniciar essa nova jornada. Peguei o ônibus em direção ao campus, e lembro que eu prestava atenção em tudo no caminho. Eu pensava: será que vou conseguir lembrar desse caminho para ir às aulas? Tudo parecia tão enorme, tão longe, tão bonito. Em meio à natureza, a linda Área Sul, cheia de árvores e nomes bonitos para cada rua. Mal podia acreditar que ali eu viveria o meu dia a dia.

Algum tempo depois, as aulas começaram. Eu já havia conhecido meus colegas durante o dia da matrícula, já havíamos feito contato através do *WhatsApp*, e até combinamos de nos encontrar. Nesse sentido, a adaptação foi muito tranquila, pois eu me senti pertencente desde o começo. O clima era amigável e todos estavam muito felizes e curiosos sobre os próximos anos que estavam por vir. As amizades e as conexões que criamos desde o início foi muito importante para que todos se sentissem menos perdidos - em relação à localização das aulas, dos famosos ATs, organização das disciplinas etc.

O primeiro ano do curso reuniu disciplinas em sua maioria teóricas, que nos dariam a base necessária para compreender a Educação a partir de olhares sociológicos, filosóficos e históricos. Tive a oportunidade de estudar diversos fenômenos e acontecimentos que explicariam o contexto atual da educação no Brasil, e conhecer diversas teorias e metodologias

que me dariam a possibilidade de ver a educação através de um novo olhar, um olhar esperançoso, motivado. Em sociologia, pudemos conhecer novos conceitos, discutir as relações de classe, de raça, de poder, e como essas relações presentes na sociedade afetavam e afetam diretamente a educação. Em história, descobri um novo mundo, onde foi possível enxergar a dinâmica de dominação pela qual os portugueses chegaram em nossas terras, explicando muito bem os fundamentos da educação e da escola nos dias de hoje, destacando-se questões étnico-raciais, econômicas, políticas, culturais e religiosas. Também foi possível desfrutar das grandes contribuições da filosofia para pensar a educação ao longo da história e nos dias atuais, através da leitura de grandes pensadores e de suas obras. Em didática, tornou-se clara a diferença entre a escola tradicional da época de Comenius (1657) e a escola que queremos hoje: uma escola que forme seres pensantes, atuantes no seu próprio processo de aprendizagem, que negue uma educação bancária (FREIRE, 2017), que busque não perpetuar as desigualdades sociais presentes na sociedade e que ofereça oportunidades iguais a todos, de forma democrática (SAVIANI, 2012). Também no primeiro ano, no segundo semestre, me matriculei em uma ACIEPE sobre feminismo e protagonismo das mulheres - foi muito legal! Lembro de adorar acompanhar as discussões e eu estava super encantada de estar em um ambiente acadêmico onde realmente as oportunidades estavam ao meu alcance. Além da ACIEPE, foi no segundo semestre também que cursei *Infância, Raça e Cinema* como optativa - posso dizer que foi uma das optativas mais interessantes que cursei durante toda a graduação. A proposta de assistir filmes que tinham crianças como protagonistas foi muito interessante, além dos diversos contextos em que essas crianças estavam inseridas. As aulas eram divididas em duas partes: na primeira parte, assistíamos ao filme do dia, e, na segunda parte, discutíamos as diferentes perspectivas e percepções, relacionando com os textos da bibliografia.

Não posso dizer que o primeiro ano foi fácil, pois havia muitas novidades para assimilar, muitos textos para ler e compreender, avaliações, atividades, fichamentos, seminários. Foi um ano de adaptação, e de construção de novos hábitos. No entanto, considero a organização da Matriz Curricular do curso bastante proveitosa, já que, mesmo com as leituras mais densas, as disciplinas oferecem o necessário para começar a visualizar a educação a partir de uma perspectiva macro, compreendendo conceitos necessários para, depois, afunilar e especializar as discussões.

No segundo ano do curso, já com uma base teórica mais fundamentada, foi ficando mais fácil começar a visualizar e compreender questões práticas. Disciplinas sobre a educação infantil foram introduzidas, e houve um aprofundamento em sociologia e filosofia. Durante o

segundo ano também ocorreu nosso primeiro contato com as políticas educacionais do Brasil, leitura e discussão de documentos importantes como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Plano Nacional de Educação (PNE). Além disso, também tivemos contato com uma disciplina específica voltada para a metodologia de pesquisa científica, que foi muito importante para fundamentar as normas de escrita acadêmica, oferecendo uma base para os trabalhos acadêmicos, artigos e fichamentos que ainda viriam pela frente ao longo do curso. Foi também durante o segundo ano da graduação que comecei a atuar como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), idealizado pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

O PIBID foi um programa muito importante para minha formação pessoal, e me ajudou muito a começar a colocar em prática aquilo que aprendia durante as aulas. Foi uma oportunidade perfeita para conciliar a teoria e a prática, além de transformar o meu olhar, aguçar meus conhecimentos, e me desafiar. Permaneci por cerca de um ano e meio como bolsista. Nunca me esquecerei dos ensinamentos da nossa orientadora da UFSCar, e de cada uma das pessoas com que tive contato na escola, como as professoras das turmas que auxiliei, a bibliotecária, as secretárias, e a diretora. Todos nos recebiam muito bem na escola e sempre estavam abertos para ensinar, e aprender conosco. As reuniões quinzenais e os projetos que elaboramos junto com colegas da Pedagogia e da Matemática foram imprescindíveis para meu aprendizado como graduanda.

No início do terceiro ano realizei o meu primeiro estágio, em alfabetização. Eu já estava familiarizada com alguns conceitos da área de alfabetização e letramento que aprendemos na disciplina no ano anterior, mas colocar em prática foi um grande desafio - apesar de eu já ter realizado atividades de alfabetização no PIBID. Durante todo o terceiro ano tivemos contato com todas as disciplinas que fazem parte do currículo do Ensino Fundamental, ciclo I, como Língua Portuguesa, História e Geografia, Ciências e Matemática. Além das disciplinas e seus conteúdos, as aulas focavam bastante na discussão de *como* ensinar, e não apenas *o que* ensinar. Realizamos atividades, apresentamos seminários, e fomos desafiados a “sair um pouco da zona de conforto” – foi o marco onde passei a me ver como estudante ativa, onde eu não mais poderia apenas sentar e escutar os professores falando durante as aulas, mas também participar ativamente, pensar, criticar, desenvolver e criar.

O quarto ano foi composto majoritariamente por estágios e as disciplinas que fundamentavam os estágios. Foi um ano bastante difícil e desafiador. Eu estava trabalhando fora da universidade desde o ano anterior, como professora de Inglês em uma escola de idiomas no centro de São Carlos. Conciliar os estudos e trabalho foi um pouco difícil, mas eu sentia a necessidade de ajudar em casa, então sabia que seria importante e que eu conseguiria. Eu adorava o meu trabalho. Eu trabalhava com crianças de três a quinze anos. Tive infinitas oportunidades de aprendizado durante esse período, meu chefe era incrível e muito inteligente, e o mais importante: eu me sentia valorizada. Sentia que eu tinha, realmente, capacidade para ser professora, e eu ficava cada dia mais satisfeita com o meu trabalho, e com o cotidiano com as crianças. Esse ano foi definitivamente o ano que mais cresci em minha vida. Além de todas as experiências acadêmicas e profissionais, minha vida pessoal não estava das mais organizadas. Tive que encontrar forças dentro de mim que eu não conhecia, e esse processo foi doloroso, mas imprescindível para o meu crescimento. Passei a me ver não mais como menina, mas como uma mulher adulta, forte o suficiente para ir atrás dos meus sonhos, por mais distantes que eles estivessem, ou por mais impossível que eles pudessem parecer. Ao final do quarto ano de graduação, em outubro, decidi que trancaria a faculdade e iria ingressar em um intercâmbio não-oficial por um ano, na Alemanha.

## **2.2. Do outro lado do Atlântico**

No final de janeiro de 2020, quatro meses após a minha decisão de trancar a faculdade, eu voava para o outro lado do mundo. Dia 01 de fevereiro de 2020 pousei em Berlim, na Alemanha, para vivenciar um ano de intercâmbio cultural de trabalho e estudo de alemão, através do programa de *Au Pair*. Apenas para contexto, o programa de *Au Pair* consiste em um intercâmbio cultural, para meninas e meninos de 18 a 30 anos, que têm interesse em trabalhar cuidando de crianças em um outro país, e em retorno recebe acomodação na casa da família, comida, uma mesada (apenas um valor simbólico, para lazer), e um curso de idiomas pago pela família.

Foi um processo relativamente rápido até chegar a embarcar. O que não quer dizer que não tenha sido difícil. Dizer adeus, ou até logo, para minha família e amigos foi muito dolorido, mas havia uma faísca de esperança dentro do meu coração que me dizia que lá, naquele país distante e frio, eu encontraria a felicidade de uma forma que nunca encontrei antes.

Eu sempre tive o sonho de morar fora do país, não sabia se por um tempo ou para sempre. Mas meu sonho de ir para a Alemanha começou quando, durante as férias de verão da graduação, no começo de 2018, eu fiquei sabendo de uma escola que estava abrindo na minha vizinhança, a três quadras da minha casa. Era uma escola pequena, de Educação Infantil, que possuía como base os ideais de Friedrich Fröbel, pedagogo alemão fundador do *Kindergarten*, ou jardim de infância, e tinha como proposta o ensino bilíngue Português-Alemão para crianças de 0 a 5 anos. Decidi que iria até lá, pois me interessei muito pela proposta, e queria conhecer de perto e tentar uma chance de estágio. Conversei com uma das donas da escola, e ela me explicou que estavam apenas começando, e havia pouquíssimos alunos matriculados, mas que se eu quisesse conhecer a escola e ajudar no dia a dia, eu seria bem-vinda. Como eu estava de férias da faculdade, e estava muito interessada, decidi ir algumas vezes na semana. A escola também seguia alguns princípios da educação montessoriana. Na segunda ou terceira vez que fui à escola, conheci uma moça alemã, Marie, que trabalhava como professora através de um programa de intercâmbio. Ela havia ido para o Brasil para trabalhar como professora de alemão, e voltaria para a Alemanha para finalizar seus estudos, também na área da educação. Ficamos muito amigas desde o início, e então passamos a nos ver com frequência quando eu ia visitar a escola. Planejavamos atividades juntas com o único bebê (1 ano) da escola, como pintura, atividades psicomotoras, ou simplesmente brincar na caixa de areia ao ar livre. Marie queria muito aprender português, e já até tinha alguma base, conhecia algumas palavras e entendia um pouco também. Eu, por outro lado, não sabia nada de alemão, mas estava muito interessada, pois meu irmão mais velho, Eduardo, estava morando em Düsseldorf na época, e eu já estava começando a me imaginar viajando para visitá-lo. Decidimos então fazer um intercâmbio de línguas, e ensinar nossos idiomas uma para a outra. Durante o intervalo na escola ou em finais de semana, nos reuníamos e fazíamos uma hora de português e uma hora de alemão. Não durou tanto tempo, pois logo voltei para as aulas da faculdade e não tinha mais tanto tempo livre. Mas o meu interesse permaneceu. Mesmo que tenha ficado guardado dentro de mim.

Decidi então, mais de um ano depois, que iria trancar a faculdade e embarcar na jornada de perseguir esse sonho, aprender alemão, visitar meu irmão, conhecer a Alemanha, aprender sobre a cultura e a educação alemã, e depois eu voltaria para o Brasil para terminar a graduação em Pedagogia.

Quando finalmente cheguei à Alemanha, eu tinha um conhecimento básico da língua alemã, pois, para conseguir o visto, precisei comprovar o meu conhecimento através de um certificado de nível A1 em alemão, emitido pelo Instituto Goethe, em São Paulo. Mas, mesmo

assim, para mim foi como se eu não tivesse nenhum conhecimento. No começo, eu não conseguia entender nada que era falado em alemão. Minha comunicação se dava majoritariamente em inglês, e em português com a minha família anfitriã (*Gastfamilie*), pois a mãe era brasileira de origem alemã, e as crianças (2 e 5 anos) também falavam alemão e português.

Lembro da sensação estranha que senti quando pousei em Berlim. Era o meio do inverno e estava muito frio. Estava chovendo e nublado. Em 17 horas eu saí do meu lar, quente, confortável, rodeada de pessoas que me amam e que eu amo, para um lugar desconhecido, frio, onde eu era apenas mais uma estranha. Foi assustador. Mas também excitante. Mergulhei de cabeça, então, nessa nova jornada da minha vida.

Dentro da casa, meu papel era cuidar das crianças por cerca de 30 horas semanais, que incluía: levá-los e buscá-los no *Kindergarten*, também chamado de *Kita*, que é a creche na Alemanha; ir para algum parquinho ou parque, normalmente na vizinhança, e brincar ao ar livre até o final da tarde, ou, se o tempo estivesse muito ruim, brincar e fazer atividades dentro de casa; ler livros em português, e às vezes também em alemão; esquentar a janta ou preparar algo simples para as crianças; dar banho e ler um livro. Meu dia com as crianças acabava por volta das 19h, que era o horário em que elas iam dormir.

Um mês após a minha chegada, o que eu mais temia aconteceu: a pandemia da Covid-19 foi oficializada, e estava se espalhando pelo mundo todo de forma muito rápida. Em março de 2020, começou o primeiro *lockdown* na Alemanha. Todos estavam com muito medo, e eu estava especialmente preocupada com a minha família e amigos no Brasil. Também estava muito ansiosa, com medo de ter feito a decisão errada de ir para outro país no meio de uma pandemia, onde tudo se tornou incerto. Ninguém sabia o que esperar, o que fazer, a não ser seguir as medidas básicas sugeridas e implementadas pelo governo: sair de casa o menos possível, manter distância, usar máscara, não utilizar o transporte público se possível. Tudo se tornou bem difícil. As crianças que eu cuidava pararam de frequentar a creche, e eu passei a cuidar deles durante todo o período da manhã até de tarde. Minha sorte foi que a família também tinha uma outra babá, Juliane, que se tornou minha amiga querida. Ela não morava com a família, mas vinha todos os dias cuidar das crianças comigo ou em horários distintos, pois os pais trabalhavam muito. Juliane foi não apenas minha amiga, mas também minha colega de profissão, pois ela também estudava Pedagogia na Universidade Humboldt, uma das melhores universidades do mundo – a mesma onde estudaram Karl Marx e Albert Einstein. Além disso,

durante o primeiro mês, antes do *lockdown*, eu conheci muitas pessoas, fiz amizades e conheci o meu parceiro, hoje marido, Jakob – essas pessoas foram fundamentais para me ajudar a passar por esse momento difícil longe de casa. Também considero que a internet e as tecnologias dos dias atuais tiveram um grande papel na minha vida durante aquele ano, pois consegui me sentir perto da minha família, mesmo de longe, através de vídeo chamadas. Até festas de aniversário fizemos *online*.

Durante o meu cotidiano com as crianças, principalmente durante o período do *lockdown*, onde estávamos convivendo com mais frequência, e as crianças claramente sentiam falta de ir para a creche, eu aprendi muito, trocando experiências com a minha colega Juliane, e colocando em prática diversas teorias e metodologias que havia aprendido nos anos anteriores da graduação. Confesso que foi um desafio muito grande, havia dias muito difíceis, e eu passei a me sentir muito frustrada principalmente em relação à minha capacidade em lidar com a criança de 2 anos, que vou chamar de E. Havia dias em que E. se sentia muito frustrado com tudo: era uma luta para vesti-lo de manhã, trocar a fralda, tirar o sapato antes de entrar em casa, comer. Eu sentia que ele queria me desafiar, testar os limites, principalmente porque quando eu estava sozinha com as crianças, ele normalmente era muito doce comigo. Mas, em frente aos pais ou a outra babá, ele me tratava mal, me mordida – chegou a deixar marcas – e dizia coisas como “vai pro seu quarto”, “vai embora” e “volta para o Brasil”, ou em suas palavras, *Geh in dein Zimmer, Geh weg e Geh zurück nach Brasilien*.

Penso que faltava uma educação positiva naquele ambiente familiar. Veja, não estou aqui criticando como alguém deve criar seus filhos ou filhas, e sim revisitando o passado e tentando compreender os motivos que levavam E. a se comportar do jeito que se comportava, pois não era apenas comigo, mas também com seus pais e consigo mesmo. Eu e Juliane, minha colega, conversávamos com frequência sobre o que poderíamos fazer para ajudar E., queríamos encontrar uma solução não apenas para que ele “se comportasse bem”, mas para que ele fosse feliz, que pudesse lidar com seus sentimentos e emoções de uma forma não violenta, mas, honestamente, eu não tinha o conhecimento que possuo hoje. Eu tinha muita dificuldade em lidar com a prática, dificuldade em compreender o processo de desenvolvimento infantil, não conseguia controlar minhas próprias emoções em relação a tudo isso, e me culpava, ao mesmo tempo em que eu culpava E. e seus pais. Olhando para trás, eu provavelmente não agia da maneira mais correta com ele também, por falta de conhecimento, cansaço, por estar longe da minha própria família. Eu sentia que tudo era mais difícil por não ter a presença de meus amigos e família. Provavelmente, se eu utilizasse algumas das estratégias que Siegel e Bryson (2011)

discutem sobre, teria conseguido me conectar mais com E. e talvez pudesse tê-lo ajudado. Acredito que a partir da abordagem “Conectar e Redirecionar” em vez de “Comandar e Demandar” (SIEGEL, BRYSON, 2011, p. 26), eu teria tido mais sucesso em ensiná-lo a compreender suas próprias emoções, e a controlá-las melhor também, em relação a como tratar os outros e a si mesmo.

De acordo com Siegel e Bryson (2011), em momentos de frustração, a criança acaba utilizando muito mais o lado direito do cérebro, onde uma grande onda de emoções toma conta de seu ser, fazendo-a dizer ou fazer coisas que não gostaria, sem o equilíbrio do lado esquerdo. Nossa função como adultos é justamente saber como agir para não piorar a situação, e poder transformar esses episódios em aprendizados valiosos, em vez de transformar em uma briga onde a criança não vai aprender nada, e o adulto vai se sentir zangado. Para “conectar” com o lado direito do cérebro da criança, podemos mostrar que a compreendemos, reconhecemos a sua frustração e suas emoções, mostrando-nos abertos para ouvi-la e para acalmá-la caso necessário, e, ao fazermos isso, podemos utilizar ferramentas como “sinais não-verbais como toque físico, expressões faciais empáticas, um tom de voz carinhoso, e uma escuta sem julgamento” (SIEGEL, BRYSON, 2011, p. 24). Quando a criança já se mostra mais calma, podemos “redirecionar” a conversa agora para o lado esquerdo do cérebro, o lado mais racional, pois nesse momento sim a criança já está mais aberta e disposta para aprender e compreender. Tentar ensinar E. que suas ações violentas não estavam certas apenas me zangando, gritando ou colocando de castigo, não fez e não o faria entender o seu próprio comportamento e não ajudou em nada no nosso relacionamento um com o outro. Como os autores colocam:

O segredo aqui é que quando a sua criança está afundando em uma onda emocional do lado direito do cérebro, você fará um favor a si mesmo (e à sua criança) se você conectar antes de redirecionar. Essa abordagem pode salvar suas vidas, e ajudar a manter a cabeça da sua criança acima da água, e ainda evita de você ser puxada para dentro da água com ela.

*The key here is that when your child is drowning in a right-brain emotional flood, you'll do yourself (and your child) a big favor if you connect before you redirect. This approach can be a life preserver that helps keep your child's head above water and keeps you from being pulled under along with him.* (SIEGEL, BRYSON, 2011, p. 27)

É extremamente importante que nós, adultos, estejamos também integrados mentalmente para que possamos lidar com situações como as que mencionei com E. Além dos

lados direito e esquerdo do cérebro, os autores falam sobre as partes de cima e de baixo do cérebro. É importante levar em consideração o processo de desenvolvimento do cérebro de uma criança: enquanto a parte de baixo do cérebro (inclusive a amígdala) já está pronta desde que nascemos, a parte de cima (córtex pré-frontal) só vai se desenvolver inteiramente por volta dos 25 anos de idade (Siegel e Bryson, 2011). A parte de cima do cérebro de E. então, estava em processo de desenvolvimento, o que não significa que ele não poderia aprender, mas que eu e outros adultos deveríamos ter levado isso em consideração antes de aumentar nossas expectativas. Para ajudá-lo a adquirir a habilidade de autorregulação, teria sido imprescindível que eu tivesse conhecimento sobre como o cérebro dele estava funcionando. Compreender que havia situações gatilho para ele, que faziam com que sua amígdala e a parte de baixo de seu cérebro (mais primitiva, sem muito controle) tomassem conta de seu comportamento, impedindo o acesso a parte de cima do seu cérebro, teria me ajudado a reconhecer suas ações, ajudá-lo a se acalmar, pois simplesmente não era sua culpa, seu cérebro de cima estava apenas sendo controlado por suas emoções, resultando em um comportamento irracional (Siegel, Bryson, 2011).

Já com a criança mais velha, que eu vou chamar de I., meu relacionamento era muito bom. Criamos uma conexão muito legal e costumávamos passar muito tempo juntas. Adorávamos brincar, cantar, dançar, desenhar, fazer penteados, ler livros, e ela parecia confiar muito em mim e me procurava muitas vezes que precisava de ajuda ou apenas de um abraço. A partir do meio do ano, por volta de agosto, I. iria iniciar a escola, no primeiro ano do Ensino Fundamental (*Grundschule*). Era minha responsabilidade então cuidar do que fosse relacionado à escola, eu passaria a levá-la todos os dias de bicicleta e a buscá-la também. Ajudaria com a lição de casa, dentro do possível por conta da língua alemã, e a ajudaria a manter a mochila sempre arrumada, lápis apontados, livros corretos para cada dia, manter a mochila de esportes com roupas limpas etc. Eu estava muito feliz de ter essa responsabilidade, pois assim eu estaria participando mais ativamente de uma rotina escolar, e teria a chance de conhecer a escola por dentro. O sistema escolar alemão funciona de uma forma diferente do sistema escolar brasileiro. Todas as crianças saem da creche (*Kindergarten*) quando completam por volta de 6 anos de idade, variando um pouco entre 5 e 7 anos, e então passam a frequentar a escola primária (*Grundschule*), por quatro anos – em alguns estados tem a duração de 5 ou 6 anos. No quarto, quinto ou sexto ano, as crianças são enviadas para a escola secundária. Na Alemanha existem três modelos de escola secundária: *Hauptschule*, *Realschule* e *Gymnasium*. A *Hauptschule* tem a duração de nove anos, e oferece o diploma de *Hauptschulabschluss* (traduzido como

Certificado de Conclusão da *Hauptschule*). A *Realschule* tem a duração de dez anos e tem como diploma o *Realschulabschluss*. Após a conclusão, em ambos os modelos de escola os alunos podem ingressar em uma escola técnica e prosseguir com seus estudos (*Ausbildung*). O *Gymnasium* é a escola secundária que dá ao aluno o direito de ingressar em uma universidade e dar início a uma carreira acadêmica, e tem a duração de doze ou treze anos, dependendo do estado, tendo como certificado de conclusão o *Abitur*, algo parecido com o nosso ENEM ou o SATs norte-americano.

No geral, 2020 foi um ano de muito aprendizado, onde eu cresci em jeitos que eu nem imaginava. Sinto que me tornei uma outra pessoa, uma versão mais adulta, mais madura, mais independente, e passei a valorizar as pequenas coisas da vida. Estar em um outro país, inserida em uma outra cultura, aprendendo uma nova língua, parece ter feito desbloquear sentimentos que eu sequer conhecia antes. Com a expansão do meu vocabulário e meu repertório de vivências, expandi também as conjunturas que me permitiram conhecer mais a mim mesma e o mundo ao meu redor.

### **2.3. De volta para minha terra e a graduação em tempos de pandemia**

Em fevereiro de 2021 eu retornei ao Brasil, pois meu ano de intercâmbio havia terminado. Meu plano era continuar com os estudos em São Carlos, mas a pandemia ainda não havia acabado, portanto as aulas continuaram sendo *online*. Na época, eu estava cursando o equivalente ao semestre 2020/2, que ainda era dividido em dois blocos: A e B. Durante o primeiro bloco, eu estava cursando uma disciplina de Educação Infantil que eu havia desistido durante o segundo ano da graduação, e acabei deixando para o final; creio que foi melhor, pois eu estava mais disposta a me dedicar, e pude aprender muito mais sobre a origem da família como um núcleo privado, o surgimento da infância como conceito, e o advento das instituições dedicadas ao cuidado da infância. Além dessa disciplina, eu estava cursando também uma disciplina sobre os fundamentos da educação especial, que falava sobre como a educação especial avançou no Brasil e no mundo com o passar dos anos, e o surgimento de novos conceitos e novas discussões sobre inclusão. Em minha opinião, acredito que deveríamos ter tido muito mais discussões sobre Educação Especial durante a graduação, apesar de o profissional da Educação Especial ser um profissional especializado, considero de extrema importância que todos os profissionais da educação, todos os funcionários da escola, tenham noções básicas sobre como lidar com um aluno com necessidades especiais, para que possamos

realmente estabelecer uma escola inclusiva, em todos os seus espaços e formas. Além destas duas disciplinas obrigatórias, também cursei uma optativa sobre o desenvolvimento psicossocial de crianças e jovens, onde discutimos bastante a psicologia de Freud (1996), sobre o desenvolvimento do Id, Ego e Superego, e como os contos de fadas influenciam a psique das crianças e a construção do Id, Ego e Superego, de acordo com Bettelheim (2009).

No segundo bloco, tive duas disciplinas sobre Educação de Jovens e Adultos: a metodologia do trabalho docente e o estágio supervisionado. Durante a metodologia, tivemos discussões muito construtivas, retomando conceitos fundamentais de Paulo Freire, figura base na área da educação de jovens e adultos no Brasil e no mundo. Também tivemos o prazer de conhecer um pouco mais do trabalho que é feito na escola “La Verneda Sant-Martí”, em Barcelona, onde utilizam os conceitos fundamentais de Freire para alfabetizar jovens e adultos, especialmente a educação dialógica, e como foram bem-sucedidos mesmo durante a pandemia da Covid19, com o modelo de aulas *online*. Os ensinamentos de Freire foram a base do sucesso dessa e de tantas outras escolas que utilizam sua metodologia para a alfabetização de jovens e adultos. Pois, é necessário que se ensine mais do que apenas ler descontextualizando as palavras, e sim ensinar a compreender o que há por trás de cada palavra: ideias. Como Freire (2018) afirma, referindo-se as cartilhas tradicionais de alfabetização: “Não basta saber ler mecanicamente ‘Eva viu a uva’. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho” (FREIRE, 2018). Com esses ensinamentos em mente que mergulhei no estágio supervisionado. O estágio supervisionado, por sua vez, foi bastante desafiador, porque foi o primeiro (e único) estágio que realizei durante a pandemia, onde não poderíamos estar presentes fisicamente na sala de aula. Tivemos bastante apoio da professora da disciplina, bem como da professora da turma dos jovens e adultos com quem estávamos atuando. Éramos um grupo de três alunas da graduação, e tínhamos como objetivo trabalhar conceitos fundamentais que caíam na prova do Enceja (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos) e estávamos todas acompanhando e participando das aulas via *WhatsApp*. As nossas atividades eram semanais, mas a turma tinha aula de duas a três vezes por semana, e mesmo quando não estávamos realizando atividades, nos mantínhamos presentes para tirar dúvidas dos alunos e ajudar no que pudéssemos. Nossas atividades tinham como estrutura básica um vídeo, onde explicávamos o conteúdo que seria abordado naquela aula, com exemplos de textos, e atividades de interpretação de texto, com uma proposta de redação ao final de cada atividade. Eram atividades simples que tinham como objetivo trabalhar a estrutura de uma redação, bem como palavras

conectivas, o conceito de parágrafos, introdução, desenvolvimento e conclusão. Ao final, ficamos bastante satisfeitas com o nosso trabalho, e muito felizes com o *feedback* dos alunos e alunas e da professora. Fiquei muito emocionada diversas vezes com a participação e a dedicação dos estudantes, e realmente espero que tenhamos conseguido fazer alguma diferença no processo de aprendizagem de cada um deles.

Voltando para o ano de 2020, para contextualizar, eu estive em um relacionamento sério com Jakob, e tínhamos diversos planos para o futuro, apesar de termos um oceano de distância nos separando. Decidimos que ele também voaria ao Brasil um mês após meu retorno, e assim foi. Sem data de volta, ele foi para São Carlos e ficou morando comigo e com minha mãe, e ninguém tinha muita ideia de quais seriam os próximos passos. Com a pandemia, ficaria mais difícil nos vermos frequentemente e mantermos um relacionamento à distância, e morar juntos e dividir a vida um com o outro era um desejo mútuo. Em meados de abril, decidimos nos casar. Continuei estudando, e o nosso tempo livre era em sua maioria consumido por burocracias. Tivemos que ir atrás de documentos dele na Alemanha, que demoraram semanas para chegar, e estávamos muito ansiosos e nervosos, com medo de não dar tempo – pois o visto dele de turista expiraria, e ele teria então que voltar para a Alemanha. Ao final, tudo deu certo, e conseguimos realizar o casamento apenas com minha família e amigos íntimos no cartório do centro de São Carlos. A cerimônia se deu na praça da Catedral de São Carlos. Foi um momento muito emocionante, onde estávamos cercados de pessoas que nós amamos e que nos amam, e até mesmo nossos amigos e família da Alemanha estavam presentes via videochamada.

Em julho de 2021, voei junto com meu agora marido de volta para Alemanha, onde iríamos construir nosso futuro lado a lado. Meus planos de me graduar ainda eram minha prioridade, e aproveitei o fato de a graduação ainda ser *online* para concluir meus estudos. Eu sabia que, na Alemanha, teríamos mais oportunidades de trabalho, ele poderia continuar a faculdade na Universidade Humboldt, e eu poderia trabalhar cuidando de crianças, colocando em prática meus conhecimentos, ao mesmo tempo em que estaria finalizando minha graduação em Pedagogia na UFSCar. E assim foi.

## **2.4. Uma nova vida**

Pousei em Hannover no dia 22 de julho de 2021. De lá, segui viagem para a casa dos meus sogros em uma pequena vila de dois mil habitantes ao norte de Bremen – aquela cidade

de onde os quatro músicos da história dos irmãos Grimm vêm. Por conta da pandemia, era obrigatória a quarentena por 14 dias após a entrada em território alemão, mesmo com um resultado negativo para Covid-19. Por sorte, meus sogros haviam acabado de comprar uma casa, e ainda não haviam se mudado, portanto tínhamos a casa inteira para nós, onde não correríamos o risco de infectar ninguém. Após os 14 dias de quarentena, pude realmente começar a ir atrás da documentação para poder ficar na Alemanha de vez – primeira coisa que fiz foi me vacinar contra a Covid-19. No Brasil, eu ainda não podia ser vacinada pois estávamos seguindo o sistema etário, e ainda não era a minha vez, mas na Alemanha havia mais vacinas disponíveis. No mesmo dia em que fui vacinada, fui ao escritório de imigração (*Ausländerbehörde*) de uma cidade próxima levar a documentação para tirar o visto de reunião familiar – que me dá direito de morar, estudar e trabalhar na Alemanha por no mínimo três anos. Foi um dos dias mais felizes e emocionantes da minha vida, pois os meus dois maiores sonhos estavam se realizando: um passo a mais contra o coronavírus, e a possibilidade de realmente construir um futuro ao lado do meu companheiro, na Alemanha!

Após me certificar de toda a burocracia principal, havia um novo desafio à minha frente: encontrar um apartamento para morar em Berlim. Para contextualizar, Berlim – assim como outras grandes cidades europeias – vive hoje uma das maiores crises imobiliárias do século. Os aluguéis chegam a valores absurdos, e a concorrência para conseguir qualquer apartamento que seja dentro de um raio de 10 quilômetros do centro da cidade é preocupante. Obviamente, não tínhamos um lugar fixo para morar nos primeiros meses. Quando chegamos, ficamos em um quarto de uma amiga que estava viajando, por duas semanas. Foi a primeira vez que eu morei dividindo apartamento com outras pessoas – o que para mim também foi um desafio, pois eu valorizo muito a minha privacidade e o meu espaço.

Porém, ter um lugar para dormir era o principal, e já foi o suficiente para eu poder ir atrás de um trabalho, que consegui em menos de uma semana. Foi quando conheci a família com que eu trabalho hoje em dia. Fui chamada para uma conversa, para conhecer os pais, o bebê de quem eu cuidaria na maior parte do tempo - que vou chamar de O. - e sua irmã E. O. tinha acabado de completar 4 meses na época, e sua irmã E. tinha um pouco mais de 2 anos. Eu fiquei encantada com os pais, com a forma com que eles viam a educação e a criação de seus filhos. No dia seguinte já comecei a trabalhar. Lembro que fiquei um pouco nervosa em relação a O., pois ele era tão pequeno e frágil. Eu já havia tido experiência cuidando de bebês pequenos durante o estágio de Educação Infantil na UAC (Unidade de Atendimento à Criança), mas nunca havia ficado tanto tempo sozinha com um bebê. Desde o começo, a família já havia mencionado

que eles seguiam os princípios da educação montessoriana em casa: na organização dos móveis da casa e do quarto das crianças, nas atividades e brincadeiras que propunham e, principalmente, em relação à criação, onde faziam questão de prover uma educação positiva, baseada em autonomia, respeito e comunicação. Também acho legal destacar que eles são uma família multilíngue: em casa falam inglês e hebraico, e na creche alemão.

Ao mesmo tempo em que eu estava trabalhando, eu estava cursando o semestre 2021/1, onde eu tinha como disciplinas *Coordenação Pedagógica*, *Didática das Relações Étnico Raciais* e *Formação de Professores*. Em teoria, eu também deveria estar cursando a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC 1), porém, com as mudanças de apartamento, o período de adaptação no meu trabalho, as muitas horas de trabalho, eu não estava conseguindo conciliar, então reconheci que seria melhor deixar essa disciplina para o semestre seguinte, quando eu poderia me dedicar completamente a ela, e ter tempo para confirmar a minha orientação com a professora Alessandra Arce Hai – que foi muito compreensiva desde o início comigo e com as minhas dificuldades advindas das tantas mudanças. As três disciplinas por si só foram para mim bastante desafiadoras, estar em um outro país com um outro fuso horário, e trabalhando o dia inteiro, foi exaustivo. Ao mesmo tempo, foram disciplinas muito importantes para a minha formação não apenas como professora, mas como ser humano. A disciplina de coordenação abriu meus olhos para compreender o novo universo em que nós e nossas crianças estamos vivendo, a importância de uma escola democrática e aberta para a comunidade, onde cada funcionário e cada pessoa que faz parte da equipe pedagógica tem um papel essencial no funcionar da escola. Abordar a questão étnico racial através da didática com uma bibliografia incrível e inteligente foi imprescindível para continuar o debate sobre uma escola universal, inclusiva, que se estende para a sociedade. E a disciplina de formação de professores foi, para mim, o começo da minha compreensão acerca da importância das narrativas, o que me motivou a sequer considerar a escrita de um memorial de formação como trabalho de conclusão de curso.

Voltando ao meu trabalho, os primeiros dias foram de muito aprendizado, pois, mesmo já tendo alguma experiência com bebês, tive que aprender as especificidades de O. e sua família, seus horários, sua rotina. Mas uma coisa foi certa: desde o começo tivemos uma conexão muito legal, e ele se sentia muito confortável comigo, então nunca tivemos problemas. O. sempre foi um bebê muito calmo, e alegre. Os raros momentos em que ele chorava eram, majoritariamente, quando ele estava com fome, sono, ou precisava de uma troca de fralda. Eu sempre busquei manter sua rotina bem estabelecida e equilibrada, para que ele pudesse ter a segurança da previsibilidade. Desde o início eu e os pais conversávamos bastante sobre desenvolvimento

infantil de acordo com Montessori, e eu passei a ler mais sobre. Minha principal preocupação era que eu conseguisse providenciar um ambiente favorável para a aprendizagem de O., e estabelecer uma relação de afeto com ele; foi quando passei a me aprofundar mais em leituras sobre a teoria histórico-cultural, e sobre como a criança pequena se apropria das condições expostas no ambiente em que ela está inserida. De acordo com a teoria histórico-cultural, os indivíduos se humanizam através da apropriação de sua cultura – quanto mais o indivíduo se apropria da cultura, mais se humaniza. Elkonin (1969) sentiu a necessidade de periodicizar o desenvolvimento infantil a partir do conceito de atividade principal de Leontiev (1978), considerando a relação do bebê com o adulto, a comunicação emocional direta e a sua dependência para com o adulto, a atividade principal de um bebê de zero a um ano. Sobre a dependência do bebê para com o adulto, Vygotsky (1996) explica:

Há no primeiro ano de vida, uma sociabilidade totalmente específica, peculiar, devido a uma situação social de desenvolvimento única, irrepetível, de grande originalidade, determinada por dois momentos fundamentais: o primeiro consiste em um conjunto de peculiaridades do bebê que é imediatamente percebido e se define quase sempre como uma total incapacidade biológica. O bebê não é capaz de satisfazer uma só de suas necessidades vitais. Suas necessidades mais importantes e elementares podem ser satisfeitas somente com a ajuda dos adultos que o rodeia. [...] A segunda peculiaridade que caracteriza a situação social do desenvolvimento, ainda que a criança dependa por completo do adulto, esteja imerso no social, precisa, todavia da comunicação social na forma da linguagem humana. (VYGOTSKY, 1996, p. 284-285).

A linguagem é, portanto, uma ferramenta muito importante na construção da relação do adulto com o bebê, e vice-versa, e na construção da sua concepção de relação social, comunicação e relação entre si mesmo e o ambiente. No desenvolvimento de atividades do dia a dia, como as atividades de cuidado, no brincar, na interação do adulto com o bebê ao satisfazer suas necessidades básicas como alimentação, higiene e colocar para dormir, a linguagem ocupa um papel essencial, anexando uma imensa importância na comunicação entre o adulto e o bebê – é através dessa comunicação intencional, e da intencionalidade em qualquer interação, que o bebê se apropria da cultura, aprende, se desenvolve, e nesse movimento se percebe a reação emocional positiva da criança em relação ao adulto, a satisfação da criança.

Assim como discutido por Vygotsky (1996), a pedagogia desenvolvida por Maria Montessori também reconhece a importância da linguagem, da comunicação e do ambiente em que a criança pequena está inserida, considerando que a organização do ambiente influencia a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Davies (2019), em uma releitura moderna da pedagogia montessoriana, onde busca trazer os princípios da metodologia Montessori para dentro de casa, sugere que o ambiente deve ser intencionalmente preparado para a criança pequena adquirir habilidades, se desenvolver, e, principalmente, adquirir autonomia nesse processo de desenvolvimento. De acordo com a autora, organizar o espaço da sua casa é benéfico para todos – inspirando a reduzir o caos, e criando espaços mais convidativos para a aprendizagem da criança. A beleza do local, bem como a ordem, limpeza e a calma, são características que influenciam positivamente o desenvolvimento infantil, além de criar um senso de responsabilidade na criança, um senso de participação, autonomia e absorção da cultura na qual estamos inseridos (Davies, 2019, p. 76). O espaço físico favorecedor da criança deve ser acolhedor, enriquecedor, potencializador de suas capacidades. De acordo com Faria (2001, p. 74) “A organização do espaço físico das instituições de educação infantil deve levar em consideração todas as dimensões humanas potencializadoras nas crianças: o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo”. Levando em consideração a educação doméstica como extensão da creche ou da educação institucionalizada, o quarto de O. e E., assim como o resto da casa, são pensados para favorecer essa interação positiva das crianças com o ambiente. E, devo dizer, meu trabalho com eles parece ser muito mais eficiente, calmo, prazeroso e satisfatório para todos os envolvidos nessa interação entre nós, e o ambiente.

Como comecei a cuidar de O. quando ele era bem pequenino, as principais atividades que eu propunha no início eram atividades de movimento – principalmente *tummy time* (tempo de bruços) até por volta de 7 meses de idade, que é uma posição ou atividade essencial no desenvolvimento físico do bebê, auxiliando na aquisição de habilidades como rolar, sentar, e engatinhar. É fundamental destacar a importância do estímulo advindo do ambiente e do cuidador na aquisição dessas habilidades motoras. De acordo com Thelen e Ulrich (1991) *apud* Lobo da Costa e Cesana (2014), a teoria histórico-cultural trouxe diversos avanços para o estudo da motricidade infantil, a partir da compreensão dos mecanismos que controlam as mudanças no movimento infantil:

Partindo da visão de que tais mudanças não se devem apenas a maturação neurológica, mas, também, às respostas de um sistema motor considerado auto-organizado e que, assim, aprende a integrar as necessidades e as limitações do indivíduo, do ambiente e da tarefa motora para

produzir comportamentos motores  
progressivamente mais complexos. (Thelen; Ulrich,  
1991)

A neuropsicologia de Luria – pedagogo soviético – se destaca entre os principais referenciais quando se trata de compreender o papel do movimento, ou o comportamento perceptivo-motor, ao criar as bases para o desenvolvimento de todas as estruturas perceptivas, cognitivas e motoras que permitirão ao ser humano tornar-se um animal cultural e social (Fonseca, 2018, Lobo da Costa; Cesana, 2014).

Além das atividades de movimento, sempre costumei ler muitos livros, mesmo quando ele não entendia, pois acredito que seja importante expor a criança desde cedo à literatura, contação de história, belas figuras e imagens, cultivando seu interesse pela literatura e pela arte, a aquisição de uma noção estética e o desenvolvimento da criatividade – além de, claro, a aquisição da linguagem. Ademais, sempre busquei me manter muito conectada com O., no cuidado, no respeito, desde perguntar se posso o pegar no colo, se posso o tocar, a comunicar o que estou fazendo quando cuido de sua higiene (banho, troca de fraldas). Cultivar o afeto, o carinho e a conexão entre o adulto e o bebê é de extrema importância para um desenvolvimento neurológico saudável. Como defende Goleman (2012), “a aprendizagem emocional começa nos primeiros anos de vida e continua durante toda a infância. Todos os pequenos intercâmbios entre pais e filhos contêm um tema emocional, e, com a repetição dessas mensagens através dos anos, as crianças formam o núcleo de sua perspectiva e aptidões emocionais” (GOLEMAN, 2012, p. 213).

Apesar de a minha principal responsabilidade ser O., pois sua irmã mais velha frequenta a creche diariamente, também há ocasiões em que cuido dos dois. Eu valorizo muito as oportunidades de estar com E., sinto que aprendo muito sobre a vida sob o olhar de uma criança pequena. Além disso, a variedade de jogos e brincadeiras para uma criança são maiores do que para um bebê. Sempre que tenho a oportunidade, preparo atividades de coordenação psicomotora, motricidade fina, coordenação entre as mãos e os olhos, pintura, música e linguagem. As atividades mais frequentes que realizamos juntas são quebra-cabeças de madeira, pintura ou desenho livre, blocos de madeira e blocos magnéticos – montando, desmontando, separando por tamanhos, cores –, dança, jogar bola, montar o escorregador modular e brincar de escalar e escorregar – passando por cima, por baixo –, massinha – principalmente fazer “comida” de massinha –, areia cinética, e, principalmente, ler livros, muitos livros.

Eles têm livros em inglês, hebraico e alemão, mas eu leio apenas em inglês pois seguimos a abordagem linguística “one person-one language” (uma pessoa-um idioma). Essa abordagem foi originada pelo linguista francês Maurice Grammont (1902), no seu livro *Observations sur le langage des enfants* (Observações sobre a linguagem das crianças). De acordo com Barron-Hauwaert (2004),

Grammont teorizou que ao separar estritamente as duas línguas desde o início, a criança iria, conseqüentemente, aprender as duas línguas mais facilmente, sem muita confusão ou mistura das línguas. Ao associar cada idioma com uma pessoa específica, as chances de misturar os idiomas são significativamente reduzidas. Ademais, ao utilizar sua própria língua cada um oferece um exemplo do uso da linguagem adulta. Os pais também têm a oportunidade de formar uma relação emocional natural com a criança a partir da sua língua nativa.

*Grammont theorised that by strictly separating the two languages from the beginning, the child would subsequently learn both languages easily without too much confusion or mixing of languages. By associating each language with a specific person the chances of mixing languages are significantly reduced. Furthermore, by using his or her own language each parent gives an example of adult language use. They also have the opportunity to form a natural emotional relationship with the child through their language. (BARRON-HAUWAERT, 2004, p. 1)*

Além da importância da linguagem e do ambiente, aprendi muito sobre a importância da conexão entre o adulto e a criança pequena quando passei a acompanhar a disciplina da professora Alessandra Arce Hai, *Ensinando crianças menores de 3 anos na Educação Infantil*. Minha visão sobre O. e E. mudaram drasticamente quando passei a compreender o funcionamento do cérebro de uma criança pequena, e o seu desenvolvimento. Me sinto na obrigação de comentar como eu me senti ao, no final da minha graduação em Pedagogia, reconhecer que meus conhecimentos acerca do básico de como lidar com uma criança pequena e da Educação Infantil eram tão rasos. Apesar da nossa experiência em estágios, esta disciplina optativa de Hai me fez abrir os olhos e entender que o básico também precisa ser dito: uma disciplina completa, com leituras extremamente necessárias para a compreensão do desenvolvimento físico, neurológico, inclusive a importância de uma alimentação nutritiva para o desenvolvimento do cérebro, de uma criança pequena. Me sinto privilegiada em ter tido acesso a essa, e, mais tarde, à disciplina *Educação socioemocional para crianças de 04 a 10*

anos, pois, além de terem me oferecido conteúdos essenciais para a minha formação como pedagoga, também ofereceram reflexões importantes para a minha formação como ser humano, e a minha relação com O. e E., que apenas melhorou a cada dia, graças o meu novo leque de conhecimentos sobre a importância da educação socioemocional para a criança pequena, e como o desenvolver integral bem-sucedido de uma criança depende muito mais da intencionalidade do adulto, do conhecimento necessário sobre o cérebro da criança, e do afeto, do que de qualquer outra coisa.

### **3. REFLEXÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL E A IMPORTÂNCIA DE CULTIVAR A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL**

Minha vida tem sido repleta de altos e baixos, momentos de dificuldades, momentos de satisfação. Muitos sonhos foram realizados com sucesso e muitos ainda serão, assim como também tive muitas decepções e sonhos que se modificaram, ou que simplesmente fracassaram. O que acompanha e motiva todos os momentos que já vivi e os que estão para ser vividos são as minhas emoções. Parece óbvio, mas é importante destacar o quanto compreender as nossas próprias emoções, saber identificá-las e, mais complexamente, saber lidar com elas, pode influenciar as nossas vidas de maneira positiva. É isso que Goleman (2020) defende, quando afirma que a Inteligência Emocional (EI na sigla em inglês) *pode ser* mais importante do que o Quociente de Inteligência (IQ na sigla em inglês). Goleman entende por emoções “a feeling and its distinctive thoughts, psychological and biological states, and range of propensities to act” (GOLEMAN, 2020, p. 391). Sobre as emoções e suas variantes, o autor continua: “There are hundreds of emotions, along with their blends, variations, mutations and nuances. Indeed, there are many more subtleties of emotions than we have words for” (GOLEMAN, 2020, p. 391). Autores e pesquisadores ainda estão em busca de definições mais exatas sobre as emoções e as famílias de emoções, e ainda não existe um consenso em relação a se existem emoções “primárias”, como as cores azul, vermelho e amarelo, que dão origem a novas variantes, ou se as emoções deveriam ser definidas como famílias. De qualquer forma, algumas das emoções básicas que são reconhecidas mundo afora, inclusive em diferentes culturas, continuam sendo a raiva, tristeza, medo, felicidade, amor, surpresa, nojo e vergonha. (Goleman, 2020)

Algo importante a se destacar acerca das emoções, é que elas são, em essência, “um impulso para agir” (GOLEMAN, 2020, p. 7). Dessa forma, as emoções fazem parte de nós desde os princípios da humanidade, inclusive podemos observar esse impulso para a ação

principalmente em crianças ou animais, já que na sociedade civilizada, adultos aprenderam a controlar suas emoções e muitas vezes até esconder. Apesar das emoções serem biologicamente propensas a existir e se manifestar, ou seja, apesar de elas serem inerentes ao ser humano, ainda assim elas são formadas e moldadas por nossas experiências e pela cultura na qual cada um de nós está inserido. Faz muito sentido pensar que as nossas emoções vêm antes da razão, quando olhamos para como o cérebro de qualquer ser racional evoluiu ao longo da história: de baixo para cima. A parte inferior do cérebro, ou como Siegel e Bryson colocam, “the downstairs brain” (SIEGEL; BRYSON, 2011, p. 38), é a parte mais primitiva do cérebro, onde as nossas emoções estão, inclusive a nossa amígdala – que é a ferramenta gatilho responsável por ativar as nossas emoções. É a partir dessa parte de baixo do cérebro que nosso cérebro foi se desenvolvendo, com cada parte superior se desenvolvendo de partes inferiores mais robustas (Goleman, 2020, p. 12). Para conhecer as emoções, compreender o comportamento humano, é necessário conhecimento sobre esse órgão tão importante, mas também tão esquecido: o cérebro. O cérebro tem um papel essencial em todos os aspectos que consideramos importantes na vida de uma pessoa – disciplina, tomada de decisões, autoconhecimento, rendimento escolar, relacionamentos. (Siegel; Bryson, 2011, p. 3)

A estrutura básica do cérebro também compõe o cérebro das crianças. Mas, como adultos, somos, normalmente, capazes de compreender, controlar, e utilizar nosso cérebro de forma mais coerente do que uma criança. Para pensar uma educação que priorize o desenvolvimento socioemocional, é necessário pensar uma educação que utilize o conhecimento do cérebro humano e suas diversas capacidades. A neurociência tem nos mostrado as incríveis capacidades do cérebro humano a partir da descoberta de que o nosso cérebro é plástico. Isso significa que o desenvolvimento do nosso cérebro está baseado em experiências que fisicamente modificam a estrutura do nosso cérebro ao longo de nossas vidas, e não apenas na infância, como antes pensávamos (Siegel; Bryson, 2011, p. 7). Já que o cérebro é significativamente moldado pelas experiências que oferecemos à criança como adultos, conhecer sobre o cérebro e suas mudanças como resposta para o nosso educar pode nos ajudar a formar integralmente crianças mais fortes, mais resilientes.

A neurociência é o estudo do sistema nervoso, sua estrutura, desenvolvimento, funcionamento, evolução, relação com o comportamento humano e suas alterações. É um campo da ciência essencial para o descobrimento do funcionamento do cérebro, e tem se aproximado do campo da educação nos últimos anos. É importante pensar a neurociência como um campo aberto para discutirmos práticas pedagógicas, tomando cuidado para não afastar

pesquisas neurocientíficas de seu contexto, aplicando-o à área da educação. Ademais, pensar a neurociência como uma área de conhecimento na qual podemos aplicar conhecimentos pedagógicos faz mais sentido do que o movimento contrário, já que a neurociência possui limitações em relação ao que se pode dizer para educadores e pais (Hai, 2013). De qualquer forma, apropriar-se de conhecimentos que a neurociência nos traz é, provavelmente, uma das formas mais bem-sucedidas de educar crianças emocionalmente inteligentes, já que as nossas emoções têm tudo a ver com a forma com que nosso cérebro se comporta e as diferentes formas de relação entre o adulto e a criança.

Siegel e Bryson (2011) pensaram uma forma de utilizar a neurociência em favor de pais e cuidadores, que visam colocar a integralidade do cérebro como núcleo de uma educação emocional, com o objetivo de ajudar a educar crianças resilientes, capazes de resolver problemas, menos inseguras, e transformando as dificuldades que aparecem no caminho do educar em oportunidades de aprendizado, tanto para o adulto como para a criança, fortalecendo relações de afeto, criando diferentes conexões e ajudando as crianças a utilizarem o seu cérebro e suas capacidades por completo. A chave para essa educação que leva em consideração as emoções da criança é compreender o cérebro e suas diferentes partes, compreender o funcionamento do cérebro da criança e ajudá-la a utilizar seu cérebro e suas diferentes partes por completo, integrando-as.

Nós queremos ajudar nossas crianças a serem mais bem integradas, para que elas possam utilizar o seu cérebro por completo, de forma coordenada. Por exemplo, queremos que elas sejam horizontalmente integradas, para que a lógica de seu cérebro esquerdo possa trabalhar bem com a emoção de seu cérebro direito. Nós também queremos que elas sejam verticalmente integradas, para que as partes fisicamente superiores de seu cérebro, que as fazem capazes de considerar suas ações racionalmente, trabalhem bem com as partes inferiores, que estão mais relacionadas ao instinto, e à sobrevivência.

*We want to help our children become better integrated so they can use their whole brain in a coordinated way. For example, we want them to be horizontally integrated, so that their left-brain logic can work well with their right-brain emotion. We also want them to be vertically integrated, so that the physically higher parts of their brain, which let them thoughtfully consider their actions, work well with the lower parts, which are more concerned with instinct, gut reactions, and survival. (SIEGEL; BRYSON, 2011, p. 6)*

Além da importância dos pais e cuidadores conhecerem o cérebro da criança, é importante que ensinemos a criança a conhecer a si mesmo também, oferecendo-a ferramentas para navegar dentro de seu cérebro, integrar o lado emocional com o lado racional, desenvolver a parte superior do cérebro, que é mais sofisticada, e está “em construção” até os 25 anos de idade – o córtex pré-frontal. Para isso, Siegel e Bryson (2011) oferecem estratégias e abordagens que podem ser utilizadas em momentos de dificuldades emocionais, visando amenizar o caos e aproveitar momentos difíceis para transformá-los em aprendizados.

Para integrar a parte direita e a parte esquerda do cérebro: conectar e redirecionar; nomear para domar (Siegel e Bryson, 2011). Ambas as estratégias podem ser utilizadas para buscar a criança que está se afogando em um mar de grandes emoções, e trazê-la para o lado mais racional, ajudando-a a compreender o que está acontecendo, ao mesmo tempo em que respeitando o momento da criança, compreendendo que, na maioria das vezes, o que chamamos de “birra” é simplesmente a incapacidade da criança de acessar a parte lógica de seu cérebro, resultando em comportamentos irracionais. Neste momento, a criança não está fisicamente apta para aprender, portanto gritar, dar bronca, ficar zangado, não ajudará em nada na formação dessa criança. Dar um tempo para a criança se recuperar, se conectar emocionalmente, são, por outro lado, formas de trazer a criança de volta para a realidade e, depois, quando a criança está calma e feliz, pronta para aprender, é o momento de conversar sobre o ocorrido, buscando inseri-la na conversa como sujeito ativo, capaz de também buscar soluções para o problema, mostrando a importância e destacando a capacidade de autogestão de sua própria vida. Esse movimento de acolher, estar presente emocionalmente, é essencial para a construção da habilidade de autorregulação da criança, que no futuro irá ajudá-la a encontrar o equilíbrio emocional – tarefa difícil até mesmo para nós adultos.

Para Siegel (2019), os “4 S” são essenciais na construção da autoestima e de uma base emocional saudável de uma criança: a criança precisa ser *Seen* (vista), *Soothed* (acalmada; acolhida), e ser provida com *Safety* e *Security* (segurança, proteção). Para criar uma criança emocionalmente forte e resiliente, é importante então considerar esses pontos principais. A criança necessita ser vista pelo seu cuidador, inclusive a vida mental interna da criança, seus sentimentos e seus pensamentos. Além disso, a criança precisa ser acolhida, o adulto precisa ajudar a criança a se sentir mais calma, acolhendo para ajudá-la a regular suas emoções, especialmente durante uma birra. A criança aprende ao ser acolhida, e seu cérebro literalmente aprende a se tornar mais resiliente, alterando conexões e a estrutura física do cérebro, construindo circuitos de autorregulação. Crianças também necessitam de segurança e proteção:

as crianças precisam de proteção contra o mal, e precisam que nós adultos não sejamos a fonte de seu terror e de seu medo. Ademais, o afeto seguro se comporta como uma vacina: ele constrói resiliência, construindo a estrutura do cérebro da criança de forma a criar uma base forte (Siegel, 2019).

Sobre a parte superior e inferior do cérebro, Siegel e Bryson (2011) recomendam estratégias de fortalecimento do córtex pré-frontal, a “parte de cima” do cérebro, a fim de desenvolvê-lo de forma integrada com a parte inferior do cérebro, para evitar o “sequestro da amígdala” – situação onde as emoções estão fora de controle, e a amígdala age como uma ferramenta gatilho bloqueando o acesso da criança à parte superior do cérebro, como se fosse um “portão de bebê” se fechando na parte de baixo da escadaria de uma casa de dois andares. Para fortalecer o desenvolvimento da parte superior, é necessário instigar a criança a exercitá-la, como qualquer outro músculo do nosso corpo: negociar; fazer perguntas; buscar alternativas; providenciar oportunidades para exercitar a parte de cima do cérebro como jogos, imaginar “o que você faria em tal situação”; evitar resgatar a criança imediatamente de uma situação desafiadora, dando espaço para que ela consiga resolver sozinha a situação; oferecer movimento corporal em momentos de frustração, já que o exercício físico tem a capacidade de relaxar o corpo e o cérebro; ajudar a recontar histórias para superar traumas e memórias que tem o poder de afetar o presente da criança (Siegel e Bryson, 2011).

Como a professora Alessandra Arce Hai também nos lembra durante suas aulas, é importante que o adulto em questão também tenha controle de suas emoções e de seu comportamento para que essas estratégias funcionem. O adulto também deve estar em equilíbrio mental, e deve tentar mantê-lo a partir de meditação, terapia, ou mesmo a partir dos exercícios recomendados por Siegel e Bryson (2011). Os neurônios-espelho (*mirror neurons* na versão original em inglês) nos ajudam a compreender a natureza da cultura e como os nossos comportamentos nos unem, seja de pais para filhos, de amigos para amigos. Dessa forma, a criança consegue aprender muito a partir da observação de seu cuidador, da forma como ele(a) age, se comporta, lida com suas emoções.

Por essa razão, nos também poderíamos chamar essas células neurais especiais de “neurônios-esponja”, pois nós absorvemos como esponjas o que nos vemos em comportamentos, intenções, e emoções de um outro alguém. Nos não apenas “espelhamos de volta” para alguém, como também “absorvemos” os seus estados internos.

For this reason, we could also call these special neural cells “sponge neurons” in that we soak up like a sponge what we see in the behaviors, intentions, and emotions of someone else. We don’t just “mirror back” to someone else, but we “sponge in” their internal states. (SIEGEL; BRYSON, 2011, p. 124)

A partir dessa educação intencional, onde o adulto se esforça para se autorregular e servir como um bom exemplo para a criança absorver, se criam oportunidades para educar crianças saudáveis emocionalmente, inclusive agindo como uma forma de prevenção contra a depressão nos jovens, mal que acarreta a nossa geração. De acordo com Goleman (2020), “para aqueles que nasceram depois de 1955 as chances de sofrerem uma grande depressão em algum ponto de sua vida são, em muitos países, três vezes maiores do que as chances eram para seus avós” (GOLEMAN, 2020, p. 326). É importante pensar na educação socioemocional intencional desde a mais tenra infância como uma forma de formar seres humano integralmente saudáveis e inteligentes: maior conhecimento sobre o funcionamento do nosso cérebro nos oferece mais controle sob nossas ações, nossas emoções, nosso sucesso acadêmico, e nossas relações uns com os outros, além de diminuir as chances de desenvolver depressão e ansiedade. Como afirma Goleman (2020), “quando crianças deprimidas são comparadas com crianças sem depressão, foram constatadas que as com depressão são mais socialmente inaptas, têm menos amigos, são menos preferidas do que seus colegas de classe para brincar, são menos gostadas, e têm mais dificuldades de relacionamentos do que outras crianças” (GOLEMAN, 2020, p. 330). Além disso, crianças e jovens deprimidos não costumam ir muito bem na escola. “A depressão interfere na sua memória e sua concentração, tornando mais difícil prestar atenção na aula e reter o que lhe foi ensinado” (GOLEMAN, 2020, p. 330). A boa notícia é que existem estudos na área da educação emocional que comprovam que crianças e adolescentes expostos a programas ou aulas de educação emocional, que oferecem ferramentas de controle das próprias emoções, pensamentos, e relacionamentos, são muito eficazes em diminuir as chances de estes jovens desenvolverem depressão.

Por esses e outros motivos fica claro como tudo o que queremos para nossas crianças – que sejam felizes, socialmente aptas, inteligentes, que tenham sucesso acadêmico e profissional quando crescerem etc. – pode ser incentivado, a partir de uma educação que priorize a humanização de crianças e jovens, ao contrário de uma robotização. Nada do que foi aqui falado necessita de ferramentas especiais, de extremo conhecimento científico, ou de esforços anormais. A chave para essa educação que visa humanizar é o olhar, o comunicar, o

compreender. Acolher, ensinar com o coração, amar, demonstrar afeto, chorar, são características que fazem de nós humanos, e já passou da hora de começarmos a compreender essas características como normais, e, em vez de esconder os sentimentos, ensinar a compreendê-los e gerenciá-los de forma saudável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever esse memorial como trabalho de conclusão de curso foi um desafio enriquecedor. O exercício de olhar para meu passado, refletir, desde as mais longínquas e profundas lembranças de minha infância até as memórias mais aleatórias, perceber a importância de cada uma delas e como cada uma delas me afeta hoje no presente tem sido engrandecedor. Creio que, como refletido na introdução deste trabalho, o movimento de revisitar memórias tem mesmo a capacidade de modificar a nossa história, seja pela falta de precisão na contação da história, pela falta da verdade absoluta, pela influência do nosso sentimento presente sob aquela situação do passado, ou simplesmente pela influência que essa ou aquela lembrança tem no desenvolver da nossa história.

Sentar-me em frente ao computador, pensando sobre a longa jornada de 24 anos de minha vida foi uma aventura repleta de sentimentos: chorei, sorri, fiquei confusa, utilizei diferentes ferramentas para me ajudar a lembrar datas e momentos específicos. A tecnologia com certeza foi fundamental para me auxiliar nesse quesito, utilizei o histórico de mensagens do *WhatsApp*, liguei para minha mãe, meu pai, perguntei sobre acontecimentos passados dos quais eu não me lembrava perfeitamente, visitei até mesmo o histórico de fotos de rede sociais como *Instagram*, e li e reli meu histórico escolar da UFSCar a fim de refrescar a memória acerca das disciplinas da graduação. Quando eu era criança, de vez em quando minha mãe nos ajudava a “dar uma geral” no nosso quarto, separar brinquedos para doação, organizar caixas etc., e sempre acabávamos levando muito mais tempo do que o necessário, pois cada brinquedo encontrado, cada cartinha, bilhete, figurinha, foto, era interessante e trazia tantas boas memórias. Pois esse exercício de memória me lembrou exatamente dessa sensação que eu costumava sentir.

Ao combinar as narrativas de minha própria trajetória com a fundamentação teórica que adquiri ao longo da minha formação, e, mais ainda, ao longo da jornada da escrita deste trabalho, enriqueci a minha formação como pessoa, e como futura pedagoga. Os conhecimentos

acerca da educação socioemocional que adquiri, são, realmente, um presente muito valioso do final da minha graduação, para a vida. Me auxiliaram a não apenas expandir o meu olhar e me tornar uma melhor pedagoga, professora, cuidadora, e futuramente, mãe, como também utilizar desses conhecimentos para o meu próprio benefício de ser mais feliz. Compreender o poder da minha mente sob a minha vida, como reiteram Siegel, Bryson e Goleman, fará refletir uma luz diferente em cada dificuldade que enfrentarei daqui para frente, nessa nova fase da minha vida.

Como pedagoga, vejo a importância de manter esse movimento de recontar e reconstruir minha própria história, continuar a minha formação pessoal e acadêmica, sempre buscando novos desafios, novas formas de adquirir conhecimento, bem como o cuidar do meu próprio bem-estar que refletirá na vida de cada criança que cruzar o meu caminho, através do autoconhecimento e autogestão emocional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRON-HAUWAERT, Suzanne. **Language strategies for Bilingual Families: The One-parent-one-language Approach**. Great Britain: Cromwell Press Ltd, 2004.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 37<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

DAVIES, Simone. **The Montessori Toddler: a parent's guide to raising a curious and responsible human being**. New York: Workman Publishing Co., 2019.

ELKONIN, Daniil. (1969). **Desarrollo psíquico de los escolares**. In: Rubinstein, S. L. y outros. *Psicología*. México: Editorial Grijalbo.

FARIA, A. L. G.; PALHARES, M. S. **Educação Infantil pós LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados – FE/Unicamp; São Carlos: Ed. Ufscar; Florianópolis: ED. UFSC, 2001.

FONSECA, V. **Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. 1<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 63<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id e outros trabalhos**. 1<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

GOLEMAN, Daniel. **Emotional Intelligence: Why it can matter more than IQ**. 25<sup>th</sup> Anniversary Edition. United States: Bantam Books, 2020.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 2<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GOLEMAN, Daniel. **O cérebro e a inteligência emocional: novas perspectivas**. 1<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GUEDES, Ana Lúcia. Memorial de Formação - Registro de um Percurso. **Revista Horizontes**, Campinas, 2006. Disponível em:

<[https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf\\_memoriais14.pdf](https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais14.pdf)>. Acesso em: 04 de jun. de 2022.

HAI, Alessandra Arce. **Educação infantil**: alimentação, neurociência e tecnologia. Campinas, SP: Editora Alínea, 2018.

HAI, Alessandra Arce. Interações ou brincadeiras? Afinal o que é mais importante na educação infantil? E o ensino como fica? *In*: ARCE, A. (Org.). **Interações e brincadeiras na educação infantil**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013. p. 17-40.

LEONTIEV, Alexei N. **O desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Livros Horizontes. 1978.

LOBO DA COSTA, Paulo; CESANA, Juliana. Motricidade infantil dos zero aos três anos: fundamentos para uma orientação pedagógica. *In*: HAI, Alessandra Arce. **O trabalho pedagógico com crianças de até três anos**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2014.

SANTOS, Gildenir Carolino. **Roteiro para elaboração de Memorial**. Campinas, SP: graf. FE, 2005.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. 42ª. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SCHÜTTLER-HANSPER, Martina. Deutschland.de, 2018. So funktioniert das deutsche Schulsystem. Disponível em: <<https://www.deutschland.de/de/topic/wissen/das-schulsystem-in-deutschland-im-ueberblick>>. Acesso em: 20 de jul. de 2022.

SIEGEL, Daniel; BRYSON, Tina. **The whole-brain child**: 12 revolutionary strategies to nurture your child's developing mind. United States: Bantam Books, 2011.

SIEGEL, Daniel. **Presence, Parenting and The Planet** | Dan Siegel | Talks at Google. Youtube, 2019. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Ouzb\\_Urt7LQ](https://www.youtube.com/watch?v=Ouzb_Urt7LQ)>. Acesso em: 05 de ago. de 2022.

VYGOTSKI, Lev. **Obras Escolhidas IV**. Madrid, Centro de publicaciones Del M.E.C. y Visor Distribuciones, 1996.